

A discursivização semiótica do ódio em Sem-Pernas

The semiotic speech of hate in Sem-Pernas

Leandro Lima Ribeiro¹

RESUMO: O artigo trata de uma aplicação teórico-metodológica dos procedimentos da Semiótica greimasiana para compreensão da paixão do ódio em Sem-Pernas, personagem do romance *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado. Busca-se mostrar como essa paixão está imbricada em uma forte necessidade societária, parental e afetiva do outro. Resultados revelam que os desdobramentos passionais em exame nos sugerem uma ânsia pela tragédia, indutora do autoextermínio do menino em situação de rua.

ABSTRACT: The article deals with a theoretical-methodological application of the procedures of greimasian Semiotics to understand the passion of hatred of Sem-Pernas, a character in the novel *Capitães da Areia* (1937), by Jorge Amado. We try to show how this passion is confused with a strong social, parental and affective need for the other. The results show that the passionate developments under examination suggest an eagerness for tragedy, inducing the self-extermination of the street boy.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica; *Capitães da Areia*; Jorge Amado; Ódio.

KEYWORDS: Semiotics; *Capitães da Areia*; Jorge Amado; Hatred.

1. Introdução

O objetivo deste estudo é compreender a configuração da paixão do ódio (cólera²) do personagem Sem-Pernas, em *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado. Trata-se de uma perspectiva aplicada, fundamentada na Semiótica discursiva francesa, para o exame das paixões malevolentes derivadas da lógica do

¹ Mestrado em Semiótica e Linguística Geral e Doutorando pelo mesmo programa na Universidade de São Paulo (USP).

² Em alguns momentos desta proposta, optamos pelo termo cólera, em razão dos procedimentos metodológicos da Semiótica francesa. Porém, pode-se observar que os dois termos, ódio e cólera, são retomados ao longo do texto dentro do mesmo universo semântico.



reconhecimento, que podem desencadear o desamparo, a depressão etc. Busca-se contribuir, no horizonte dos estudos linguístico-discursivos, com o exame da cólera no romance amadiano que tem sido objeto de investigação de sociólogos, psicólogos, antropólogos, nas diferentes áreas do conhecimento. Afinal, as paixões estão discursivizadas na linguagem: são, antes de mais nada, resultantes do código simbólico.

Para tanto, escolhemos um personagem emblemático que nos permite visualizar a construção discursiva da paixão: Sem-Pernas, vítima de uma série de injustiças sociais, que se mata por se considerar propriedade privada diante da incompletude das ações humanas. Do ponto de vista teórico-metodológico, como já destacado em linhas anteriores, ancoramos esta análise na esteira dos estudos de Algirdas Julien Greimas (2014), fundador da Semiótica discursiva francesa (ou greimasiana), que apresenta uma metodologia analítica, de acordo com decomposições e vicissitudes patêmicas do sujeito encolerizado.

Porém, antes de passarmos ao exame desses procedimentos, algumas questões são apontadas em relação ao romance *Capitães da Areia*, entre elas o desmerecimento e/ou ocultação deste no cenário acadêmico brasileiro. Basta atentarmos ao fato de que Jorge Amado, escritor de ampla penetração e capilaridade nacional e internacional, pouco desperta o interesse de pesquisadores no campo das ciências da linguagem até os dias de hoje. Não sem razão, diante dos modelos de análise formal e do comportamento conservador de nossos estudiosos, nosso sujeito oculto tenha pouco ou quase nenhum estatuto de cidadania acadêmica, permanecendo à margem da intensa produção de conhecimento, no campo linguístico, quando comparado aos cânones da literatura nacional, de quem nos valem como objeto de compreensão.

O que não se entende, ainda, é que Jorge Amado não mede esforços para uma elaboração linguística com profunda identificação não apenas com a coloquialidade popular e a linguagem em seu uso real e concreto enquanto *projeto estético*, mas também não deixa de alinhá-lo à denúncia das profundas assimetrias de direitos em contextos de vulnerabilidade social e racial enquanto *projeto ideológico* (LAFETÁ, 2020). Os personagens de *Capitães da Areia*, por exemplo, são seres de intensas paixões humanas, que sofrem, amam, revoltam-se, encantam-se e desencantam-se com a vida e, na medida em que são tutelados pelos aparelhos e mecanismos de poder, mostram-se autênticos diante das soluções encontradas para a disfórica sobrevivência.

Essa particularidade dos personagens amadianos, entre eles Sem-Pernas, permite-nos diferenciarmos, em certa medida, de outras abordagens sobre essas paixões presentes em obras literárias, dada a discursivização frente às experiências traumáticas vividas por sujeitos que sofrem intensas práticas de violência e exigências desmedidas. A miséria, o patriarcado, a família são elementos centrais de tematização do romance e, não sem razão, fatores causais do autoextermínio.

Nas próximas linhas, após a apresentação dos procedimentos teórico-metodológicos, dois aspectos estão sendo considerados: a configuração léxico-semântica e a sintaxe modal da cólera à luz do Esquema Passional Canônico.

2. Procedimentos teórico-metodológicos

Para o exame aqui desenvolvido, selecionamos um conjunto de textos extraídos do *Capitães da Areia*, onde se evidencia desdobramentos patêmicos que configuram o percurso passional da cólera em Sem-Pernas, criança órfã, em situação de rua e com deficiência física. A hipótese aqui desenvolvida é a de que a



paixão do sujeito busca sempre uma performatividade conspurcada, ou seja, a tragédia como solução pelas injustiças sofridas. Há, pois, uma intensa elaboração subjetiva que exige a presença do outro familiar e social, de que é privado, responsável por vulnerabilidades variadas.

Nosso objeto, *Capitães da Areia*, romance de Jorge Amado escrito em 1937, aborda as aventuras de crianças e adolescentes em situação de rua que, por ocasião da evidente exclusão e desigualdade, encontram na violência urbana e na criminalidade condições e modos de existência. Publicada em um cenário de acentuadas disputas simbólicas (fascismo, nazismo, imperialismo, integralismo, comunismo e socialismo), a obra teve mais de 90% dos seus exemplares queimados em praça pública em Salvador, durante o Estado Novo, sendo proibida sua circulação entre 1937 e 1945, de acordo com apuração da BBC Brasil (2017).

Como já adiantado, privilegiamos Sem-Pernas por ser vítima de uma série de injustiças que culminam em seu autoextermínio, o que já nos permite diferenciá-lo quando comparado ao desfecho dos demais companheiros do bando, entre eles Pedro Bala, Professor, Pirulito etc. Em estudos anteriores, observamos, a partir do empreendimento da Semiótica, que quatros aspectos recaem sobre a fragilização do sujeito: do ponto de vista da organização narrativa, um discurso de sanção atrelado à tortura psicológica enfrentada desde a primeira infância; sua dimensão fortemente passional resultante da carência afetiva e da privação de direitos básicos e fundamentais; a lógica de dupla estigmatização social, a invisibilidade e a (ultra)visibilidade do corpo em situação de rua; a organização tensiva associada aos processos de rememoração de um passado sempre presentificado na narração. Sem-Pernas, em síntese, realiza experimentações de si em cenários de intenso risco com a finalidade de escrever sua presença no campo simbólico do outro.

As paixões, tomadas como efeitos de qualificações modais que alteram o estado do sujeito, são partes integrantes de um campo sistemático e categórico de compreensão sobre a dimensão afetiva ou passional dos discursos: a semântica narrativa, que integra o *percurso gerativo de sentido* (GREIMAS; FONTANILLE, 1993). Não se trata de uma mera introdução ao componente patêmico à luz de posturas filosóficas e psicologizantes, mas de um exame dos efeitos de sentido construídos pela linguagem e apreendidos pelo discurso. Assim, é possível diagnosticar as compatibilidades e incompatibilidades modais que dinamizam os valores, os projetos e os modos de existência do sujeito apaixonado. Para Fontanille (2002), as paixões devem ser compreendidas como arranjos de modalizações que permitem examinar se a relação do sujeito com o objeto-valor é desejável (querer-ser), necessária (dever-ser), impossível (não-poder-ser), por exemplo.

Dois são os tipos de paixões: a) as simples, que derivam de um único arranjo modal; e b) as complexas, que envolvem todo o desdobramento de um percurso. Em razão de sua complexidade, faz-se necessário diagnosticar a lexicalização do verbete cólera no dicionário, uma vez que o discurso da cultura dispõe de coerções enunciativas resultantes de valores culturais e ideológicos (GREIMAS; FONTANILLE, 1993).

No Petit Robert, por exemplo, a cólera é compreendida como violento descontentamento acompanhado de agressividade. Greimas (2014), metodologicamente, estabelece a configuração sintagmática da cólera a partir da sequência passional: frustração – descontentamento – agressividade. Fontanille (2008, p. 96), por sua vez, impõe pontos prévios de situação e complementa a estrutura modal a partir de implicações previsíveis. Com efeito, surge o arranjo: confiança – espera – frustração – descontentamento – agressividade – explosão. Conforme Fiorin (2007), essas variantes inauguram novos estados passionais



marcados por rupturas, bloqueios, sobredeterminações, instabilidades de actualização (incoativa, durativa, interativa, terminativa), de temporalização (passado, presente, futuro) e de modulação tensiva (dimensão intensa e dimensão extensa), como o deslumbramento (pontuais e intensas), a cólera (excessiva), e assim por diante.

Nosso ponto de partida se localiza no estado fiduciário, isto é, na espera do sujeito apaixonado, situação que pressupõe um estado anterior de relaxamento e um contexto de crença e de confiança estabelecido entre sujeito de estado (S1) e sujeito de fazer (S2). A frustração decorre do abalado e da tensão modal matizada pela impossibilidade de concretizar os desejos, que nos revela a confiança mal depositada nos valores e nas relações modais – ou ao menos imaginadas como simulacros passionais – com o sujeito de fazer. Em termos semióticos, estamos, de um lado, no campo da espera simples, quando o sujeito de estado almeja entrar em conjunção com o objeto-valor, e, de outro, no da espera fiduciária, quando o sujeito de estado crê contar com o sujeito de fazer para a consolidação de seus direitos e esperanças. Todavia, o choque modal decorrente da não-realização de seus anseios e desejos provoca os estados terminativos da insatisfação e da decepção em direção ao estado incoativo da falta (GREIMAS, 2014).

A insatisfação e a decepção provocam o descontentamento: necessidade de querer-fazer mal ao outro devido à injustiça sofrida que inaugura, para ficarmos com a acertada expressão de Greimas, o pivô passional. Estabelecem-se as condições necessárias para a instalação do sujeito de fazer, o responsável por liquidar as faltas. Competente para ação, é tomado pelo desejo de fazer mal ao destinador e inicia sua revolta, ou ainda ao antissujeito, sua vingança. Busca-se ultrajar ou, em última instância, prejudicar violentamente aquele que lhe fez mal, o

responsabilizado pela impossibilidade de concretização dos projetos. Noutros termos, caracteriza-se como o exercício prático de agir contra o responsável pelas suas perdas. Nem sempre a insatisfação e a decepção evoluem obrigatoriamente em direção ao descontentamento pragmático, como é o caso da cólera. Pode-se inaugurar sentimentos de amargura, de rancor, de ressentimento e de ira.

O descontentamento, associado à agressividade, dá musculatura ao sadismo, ao sentir prazer com o sofrimento alheio. Trata-se da exacerbação da paixão como espécie de reparação da aflição enfrentada. Já a explosão diz respeito ao estágio em que o sujeito sana consigo mesmo os conflitos e as tensões acumuladas, “sem nenhuma consideração pelos objetos perdidos, pelos antissujeitos incriminados, ou pelos danos causados” (FONTANILLE, 2005, p. 65). Essas implicações denotam a dimensão passional em sua dinâmica e sucessão de estágios afetivos que alteram e afligem a existência do sujeito e, por assim dizer, do corpo semântico em sua experiência social mobilizada na construção do sentido.

3. A discursivização do ódio em Sem-Pernas

O personagem Sem-Pernas se mostra emocionalmente particular quando comparado aos demais meninos abandonados que não se encontram identificados com a noção de liberdade e de humanidade das instituições hegemônicas³. O personagem com deficiência, ainda assim, evidencia seu apreço aos valores afetivos e parentais e, sobretudo, aos vínculos familiares, que lhe causam uma extrema frustração. É o sujeito que, por considerar atraente os valores do

³ Defendemos que os meninos em situação de rua do romance se apresentam como sujeitos políticos por não se encontrarem identificados com a noção de liberdade e humanidade dos aparelhos hegemônicos. Devido à orientação marxista que norteia as ações, a concepção de liberdade é vista como possibilidade concreta de escolha, na esteira do materialismo histórico-dialético.



microuniverso semântico do destinador, deseja ser amado (querer-ser), mas se encontra impossibilitado (não-poder-ser) diante das desigualdades sociais, força motriz do regime social de que inevitavelmente faz parte:

[...] O que ele queria era felicidade, era alegria, era fugir de toda aquela miséria, de toda aquela desgraça que os cercava e os estrangulava. Havia, é verdade, a grande liberdade das ruas. Mas havia também o abandono de qualquer carinho, a falta de todas as palavras boas. [...] Ele queria uma coisa imediata, uma coisa que pusesse seu rosto sorridente e alegre, que o livrasse da necessidade de rir de todos e de rir de tudo. Que o livrasse também daquela angústia, daquela vontade de chorar que o tomava nas noites de inverno. Não queria o que tinha Pirulito, o rosto cheio de uma exaltação. Queria alegria, uma mão que o acarinhasse, alguém que com muito amor o fizesse esquecer o defeito físico e os muitos anos, talvez tivessem sido apenas meses ou semanas, mas para ele seriam sempre longos anos que vivera sozinho nas ruas da cidade, hostilizado pelos homens que passavam, empurrado pelos guardas, surrado pelos moleques maiores. (AMADO, 2008, p. 38).

No trecho anterior, observamos uma espera do sujeito patêmico em relação à conjunção com o objeto-valor. Mostra-se como um portador de expectativas e esperanças para o cuidado parental que, por ocasião da evidente impossibilidade de ingresso na dinâmica patriarcal/capitalista, é responsável pela profunda tristeza e angústia instaladas. É bom que se diga que, no caso de Sem-Pernas, há uma intensa indiferença consigo mesmo e com os outros, até mesmo diante das relações intersubjetivas, que resultam numa eterna sensação de deslocamento, de 'despertencimento'. Em diversos momentos, constata-se seu forte escárnio, uma ridicularização exacerbada sobre as múltiplas identidades, um prazer na humilhação. Observem, no excerto a seguir, como nem mesmo os colegas do

bando de meninos em situação de rua são poupados das pilhérias e das maldades do personagem:

[...] O Sem-Pernas costumava burlar dele [Pirulito], como de todos os demais do grupo, mesmo de Professor, de quem gostava, mesmo de Pedro Bala, a quem respeitava. Logo que um novato entrava para os Capitães da Areia formava uma ideia ruim de Sem-Perna. Porque ele logo botava um apelido, ria de um gesto, de uma frase do novato. Ridicularizava tudo, era dos que mais brigavam. Tinha mesmo fama de malvado. Uma vez fez tremendas crueldades com um gato que entrara no trapiche. E um dia cortara de navalha um garçom de restaurante para furtar apenas um frango assado. Um dia em que teve um abscesso na perna o rasgou friamente a canivete e na vista de todos o espremeu rindo. Muitos do grupo não gostavam dele, mas aqueles que passavam por cima de tudo e se faziam seus amigos diziam que ele era um “sujeito bom”. No mais fundo do seu coração, ele tinha pena da desgraça de todos. E rindo, ridicularizando, era que fugia de sua desgraça. Era como um remédio. (AMADO, 2008, p. 37).

Para Greimas (2014, p. 238), “a espera do sujeito não é uma simples vontade, ela se inscreve no quadro anterior que era constituído pela confiança”. Afinal, pressupõe-se que o sujeito de estado acreditava contar com o sujeito de fazer para a concretização de seus direitos. O personagem, a partir do recrudescimento das desigualdades e das intensas violações de direitos básicos (alimentação, moradia, dignidade, família, para mencionar os mais visíveis), mostra possuir consciência da confiança mal depositada no modelo de bem-estar e de proteção social que, pressuposto como simulacro cultural pela democracia participativa, é um privilégio de classe na sociedade brasileira e, por assim dizer, um privilégio burguês.

Ainda que confrontado com a evidente incompatibilidade modal e com seu cancelamento como sujeito de direito, a criança insiste em seus desejos. Podemos



dizer que Sem-Pernas, obstinado pelos valores da sociedade de consumo com os quais não se encontra alinhado, e Pirulito, com sua religiosidade viciosa, divergem da emancipação política dos Capitães da Areia. Nos dois casos, nota-se um apreço pelos valores das instituições hegemônicas no que diz respeito ao depósito de expectativas, sejam em Deus ou no capital, muito embora transgridam existencialmente o padrão e a normalidade do poder imposto. Não à toa, Sem-Pernas, na ampliação da disjunção, compreende ingenuamente a dinâmica de retroalimentação do sistema socioeconômico.

Daí decorrem não só a decepção com a sociedade que se mostra descompromissada em realizar o esperado, já que não assume a responsabilidade frente ao problema da criminalidade e do abandono infantil, mas também a insatisfação com a impossibilidade concreta de entrar em conjunção com os afetos parentais, pelos quais projetou uma atmosfera de expectativa desde cedo, nessa tendência paradoxal de amar o que não se tem e odiar o que não se pode ter ao mesmo tempo. Não nos esqueçamos ainda da decepção consigo mesmo quando ciente da impossibilidade de conjungir com aquilo que deveria ser direito de todos. Instala-se o irrefreável descontentamento, que norteia as ações do personagem: Sem-Pernas busca a tragédia implicada na autodestruição recíproca, pois dessubjetivado tampouco existe para si mesmo. Nesse ponto, mascara a denúncia social mediante sua introjeção pela sociedade brasileira como inaproveitável e como deslocado da padronização compulsória. Podemos reunir assim as condições clássicas de um paradigma de fácil reconhecimento para resolução dos males sofridos: a visão trágica da realidade.

Depois encontrou os Capitães da Areia (foi o Professor quem o trouxe, haviam feito camaradagem num banco de jardim) e ficou com eles. Não tardou a se destacar porque sabia como nenhum afetar uma grande dor e assim conseguir enganar senhoras, cujas casas eram depois visitadas pelo grupo já ciente de todos os lugares onde havia objetos de valor e de todos os hábitos da casa. E o Sem-Pernas tinha verdadeira satisfação ao pensar em quanto o xingariam aquelas senhoras que o haviam tomado por um pobre órfão. Assim se vingava, porque seu coração estava cheio de ódio. Confusamente desejava ter uma bomba como daquelas de certa história que o Professor contara que arrasasse toda a cidade, que levasse todos pelos ares. Assim ficaria alegre. Talvez ficasse também se viesse alguém, possivelmente uma mulher de cabelos grisalhos e mãos suaves, que o apertasse contra o peito, que acarinhasse seu rosto e o fizesse dormir um sono bom, um sono que não estivesse cheio dos sonhos da noite na cadeia. Assim ficaria alegre, o ódio não estaria mais no seu coração (AMADO, 2008, p. 39).

Assim sendo, a criança possui uma incessante necessidade de querer fazer mal à sociedade. Não se trata de compreender o ódio como simples sentimento resultante de humilhações particulares e voltado para um indivíduo específico, porque se alimenta do sofrimento, sem discriminação de qualquer espécie. O ódio goza, nesse sentido, um *status* privilegiado: o comportamento sádico é direcionado à coletividade, pois não se sabe contra o quê ou contra quem deve lançar a cólera. Em jogo, está o sentir prazer com a fragilidade alheia como reparação das imbricações passionais e, até mesmo, dos momentos de tensão e de estupor que o levaram à incapacidade de agir imediatamente contra seus algozes. É necessário compreendermos um segundo fator: a incompletude das ações humanas diante do sofrimento dele, pois as experiências são sempre de má realização. Nada é da ordem do acabamento, sempre há falta e interdição para Sem-Pernas. Vejamos como essas questões se mostram colocadas no seguinte excerto, no qual se discorre sobre sua relação com a vitalina Joana:



Sem-Pernas levanta estremunhado. Um grande cansaço nos seus membros. Aquelas noites são como batalhas. Nunca é um gozo completo, uma satisfação total. A solteirona quer uma migalha de amor. Teme o amor completo, o escândalo de um filho. Mas tem sede e fome de amor, quer nem que sejam as migalhas. Mas Sem-Pernas quer fazer o amor completo, aquilo o irrita, faz crescer seu ódio. Ao mesmo tempo se sente preso ao corpo da solteirona, às carícias a meio, trocadas na noite. Uma coisa o retém naquela casa. Se bem ao acordar tenha ódio de Joana, uma raiva impotente, uma vontade de a estrangular já que não a pode possuir totalmente, se a acha feia e velha, quando a noite se acerca fica nervoso pelos carinhos da vitalina, pela mão que movimenta seu sexo de menino, pelos seus seios onde repousa a cabeça, pelas suas coxas grossas. Imagina planos para a possuir, mas a solteirona os frustra, fugindo no último momento, e ralha com ele em voz baixa. Uma raiva surda possui Sem-Pernas. Mas a mão dela vem de novo para seu sexo e ele não pode lutar contra o desejo. E volta àquela luta tremenda da qual sai nervoso e esgotado. Durante o dia responde mal a Joana, diz brutalidades, a solteirona chora. Ele a chama de vitalina, diz que vai embora. Ela lhe dá dinheiro, pede que ele fique. Mas não é pelo dinheiro que ele fica. Fica porque o desejo o retém. Já sabe qual a chave que abre a sala onde Joana guarda seus objetos de ouro. Sabe como tirar a chave para levá-la aos Capitães da Areia. Mas o desejo o retém ali, junto dos seios e das coxas da vitalina. Junto da mão da vitalina (AMADO, 2008, p. 239-240).

Ora, o programa narrativo de revolta se consolida: o sujeito é um exímio espião que, travestido de bom menino e desviado da boa ética, busca localizar os bens valiosos das residências da Cidade Alta. Sabemos que o êxito e a excelência dos furtos dependem inteiramente de sua capacidade de manipulação e de dissimulação. Cancelada sua cidadania, é reconhecido então como o espião do grupo: “aquele que sabia se meter na casa de uma família uma semana, passando por um bom menino perdido dos pais na imensidão agressiva da cidade” (AMADO, 2008, p. 33).

Para o êxito da missão, simula o papel temático de criança órfã com deficiência, ironicamente vítima das circunstâncias da vida, cuja finalidade é comover pateticamente as famílias nessa combinação necessária de arquétipo alegórico do romance romanesco (DUARTE, 1996) - convenhamos que ainda nos referimos àquela sociedade classista, capacitista, colonialista e racista que aparentemente se mostra solidária. Na essência dos fatos, porém, encontra uma oportunidade para menosprezá-lo. É o jogo de reconhecimento dos semelhantes, fundamentada na tragédia da escravidão em nossa formação cultural, que dinamizam as relações e os valores sociais no Brasil. Nesse código de valores onde os indivíduos são coisificados, nunca ninguém o tinha amado pelo que ele era verdadeiramente: um menino em situação de rua e com deficiência física.

Sem-Pernas consolida a revolta contra o destinador porque possui uma disposição e uma competência inicial para a realização da empreitada. Ressentido, ele quer, deve e sabe fazer comover, se passar por um bom menino, localizar os bens valiosos e permitir os furtos dos Capitães da Areia. Mesmo assim, depende da aptidão e da sensibilidade provocada em suas vítimas. E, mais do que isso, do compadecimento delas. A respeito disso, podemos ler o seguinte diálogo entre Sem-Pernas e Ester, quando esta se mostra comovida com o sofrimento dele ao ponto de adotá-lo como filho. Apesar da boa intenção de Ester e Raul, a personagem é vítima de todo um aparato estético que o escamoteia ao ponto de transformá-lo em uma imitação estética de Augusto, o filho perdido do casal:

[...] – Que é, meu filho?

– Dona, eu sou um pobre órfão...

A senhora fez com a mão sinal que ele esperasse e dentro de poucos minutos estava no portão sem ouvir sequer as desculpas da empregada por não ter atendido à porta:

– Pode dizer, meu filho olhava os farrapos do Sem-Pernas.



– Dona, eu não tenho pai, faz só poucos dias que minha mãe foi chamada pro céu – mostrava um laço preto no braço, laço que tinha sido feito com a fita do chapéu novo do Gato, que se danara. – Não tenho ninguém no mundo, sou aleijado, não posso trabalhar muito, faz dois dias que não vejo de comer e não tenho onde dormir. Parecia que ia chorar. A senhora olhava muito impressionada:
– Você é aleijado, meu filho?
O Sem-Pernas mostrou a perna capenga, andou na frente da senhora forçando o defeito. Ela o fitava com compaixão:
– De que morreu sua mãe?
– Mesmo não sei. Deu uma coisa esquisita na pobre, uma febre de mau agouro, ela bateu a caçoleta em cinco dias. E me deixou só no mundo... Se eu ainda aguentasse o repuxo do trabalho, ia me arranjar. Mas com esse aleijão só mesmo numa casa de família... A senhora não tá precisando de um menino pra fazer compra, ajudar no trabalho da casa? Se tá, dona...
E como o Sem-Pernas pensasse que ela ainda estava indecisa completou com cinismo, uma voz de choro:
– Se eu quisesse me metia aí com esses meninos ladrão. Com os tal de Capitães da Areia. Mas eu não sou disso, quero é trabalhar. Só que não aguento um trabalho pesado. Sou um pobre órfão, tou com fome... (AMADO, 2008, p. 120-121).

Acolhido, o sujeito é modalizado pelo poder-fazer, que o distancia do ressentimento. Reúne agora todos os ingredientes para liquidar sua falta, encontra-se plenamente competente para consolidar seu projeto. Ele quer a destruição do destinador, muito embora evidencie seu apego ao conforto da vida burguesa e às possibilidades oferecidas, com as quais por tanto tempo sonhara: “Mas a comida, a roupa, o quarto, e mais que a comida, a roupa e o quarto, o carinho de dona Ester tinham feito que ele passasse já oito dias...” (AMADO, 2008, p. 131). Em todo caso, os valores já não fazem mais tanto sentido diante da gravidade da vida marginal. Pois, de nada adiantaria viver uma vida confortável quando os demais meninos em situação de rua, assim como ele, estariam enfrentando a fome, abandonados num velho trapiche localizado no cais do porto.

Devido à orientação violenta que o define, o dilema gira em torno da lei do bando, da qual se torna vítima e se sobressai, como comum no mundo da criminalidade, mesmo quando frente à possibilidade de uma vida melhor. Vejamos:

E leu uma notícia no jornal:

Ontem desapareceu da casa número... da rua..., Graça, um filho dos donos da casa, chamado Augusto. Deve ter se perdido na cidade que pouco conhecia. É coxo de uma perna, tem treze anos de idade, é muito tímido, veste roupa de casimira cinza. A polícia o procura para o entregar aos seus pais aflitos, mas até agora não o encontrou. A família gratificará bem quem der notícias do pequeno Augusto e o conduz a sua casa.

[...]

O Sem-Pernas ficou calado. Mordia o lábio. Professor disse:

– Ainda não descobriram o furto...

Sem-Pernas fez que sim com a cabeça. Quando descobrissem o furto não o procurariam mais como a um filho desaparecido. Barandão fez uma cara de riso e gritou:

– Tua família tá te procurando, Sem-Pernas. Tua mamãe tá te procurando pra dar de mamar a tu...

Mas não disse mais nada, porque o Sem-Pernas já estava em cima dele e levantava o punhal. E esfaquearia sem dúvida o negrinho se João Grande e Volta Seca não o tirassem de cima dele. Barandão saiu amedrontado. O Sem-Pernas foi indo para o seu canto, um olhar de ódio para todos. Pedro Bala foi atrás dele, botou a mão em seu ombro: – São capazes de não descobrir nunca o roubo, Sem-Pernas. Nunca saber de você... Não se importe, não. – Quando doutor Raul chegar vão saber... E rebentou em soluços, que deixaram os Capitães da Areia estupefatos. Só Pedro Bala e o Professor compreendiam, e este abanava as mãos porque não podia fazer nada. Pedro Bala puxava uma conversa comprida sobre um assunto muito diferente. Lá fora o vento corria sobre a areia e seu ruído era como uma queixa (AMADO, 2008, p. 114).

Após abandonar a casa das vítimas, o inevitável sofrimento do destinador em razão das perdas materiais provoca o interativo prazer que o alimenta. Embora com Ester e Raul a experiência tenha sido diferente, o sadismo pela violência e o



fracionamento das humilhações particulares, levadas ao extremo, provocam a compulsão por repetição, numa espécie excessiva de impulso para a realização do fazer passional. Em decorrência da não evolução, dá-se à explosão da cólera. Afinal de contas, “quando os corações das demais crianças ainda estão puros de sentimentos, o do Sem-Pernas já estava cheio de ódio. Odiava a cidade, a vida, os homens. Amava unicamente o seu ódio, sentimento que o fazia forte e corajoso apesar do defeito físico” (AMADO, 2008, p. 251). Por isso, o ódio corrói o sentido de sua existência semiótica, daquilo que não se inclui, a mortificação em vida. Arriscaríamos dizer que é a trama que o conduz à morte prematura e voluntária:

[...] Se fizera homem antes dos dez anos para lutar pela mais miserável das vidas: a vida de criança abandonada. Nunca conseguira amar ninguém, a não ser a este cachorro que o segue. Quando os corações das demais crianças ainda estão puros de sentimentos, o do Sem-Pernas já estava cheio de ódio. Odiava a cidade, a vida, os homens. Amava unicamente o seu ódio, sentimento que o fazia forte e corajoso apesar do defeito físico. Uma vez uma mulher foi boa para ele. Mas em verdade não o fora para ele e sim para o filho que perdera e que pensara que tinha voltado. De outra feita outra mulher se deitara com ele numa cama, acariciara seu sexo, se aproveitara dele para colher migalhas do amor que nunca tivera. Nunca, porém, o tinham amado pelo que ele era, menino abandonado, aleijado e triste. Muita gente o tinha odiado. E ele odiara a todos. Apanhara na polícia, um homem ria quando o surravam. Para ele é este homem que corre em sua perseguição na figura dos guardas. Se o levarem, o homem rirá de novo. Não o levarão. Vêm em seus calcanhares, mas não o levarão. Pensam que ele vai parar junto ao grande elevador. Mas Sem-Pernas não para. Sobe para o pequeno muro, volve o rosto para os guardas que ainda correm, ri com toda a força do seu ódio, cospe na cara de um que se aproxima estendendo os braços, se atira de costas no espaço como se fosse um trapezista de circo. A praça toda fica em suspenso por um momento. Se jogou, diz uma mulher, e desmaia. Sem-Pernas se rebenta na montanha como um trapezista de circo

que não tivesse alcançado o outro trapézio. O cachorro late entre as grades do muro (AMADO, 2008, p. 251).

Sem-Pernas, sancionado negativamente, mata-se por sentir-se sozinho, abandonado, vítima do sistema que o produziu. Para ele, só resta a fatal e derradeira possibilidade de extinção diante das truculências do Estado Penal. Mais do que isso, mata-se como revolta na busca da destruição de seu sofrimento mediante o jogo estabelecido entre as instâncias do escamoteamento e da liberdade que o conduz à realidade assassina e suicida.

4. O esquema passional canônico

Na abordagem do Esquema Passional Canônico, adotaremos o modelo de Fontanille e Greimas (1993), organizado de acordo com a sequência: Constituição > Sensibilização > Moralização. A Sensibilização, por seu turno, desdobra-se em uma Disposição, uma Patemização e uma Emoção, que correspondem ao momento juntivo estabelecido na relação entre actantes.

Na etapa de Constituição, onde temos um determinismo social, psicológico e histórico atrelado à subjetividade, resgataremos momentos importantes. Sabemos que, antes de ingressar aos Capitães da Areia, a criança abandona a casa de um padeiro a quem chamava de padrinho, que o surrava constantemente. Em certo momento, morara sozinho nas ruas da cidade e até mesmo chegara a ser preso pelos soldados que o torturaram com uma borracha. Quando preso, é humilhado em virtude de sua deficiência física. Como se enuncia em diferentes trechos, o menino possui uma perna coxa e é vítima da truculência capacitista e da arbitrária violência policial. Essas condições o afetam ao ponto de desapropriá-lo de suas



competências modais justamente por presentificar, ao longo do tempo e do espaço, os acontecimentos traumáticos. Mais que isso, configura-se como um sujeito avesso àquilo que não pode sentir:

Nunca tivera família. Vivera na casa de um padeiro a quem chamava 'meu padrinho' e que o surrava. Fugiu logo que pôde compreender que a fuga o libertaria. Sofreu fome, um dia levaram-no preso. Ele quer um carinho, u'a mão que passe sobre os seus olhos e faça com que ele possa se esquecer daquela noite na cadeia, quando os soldados bêbados o fizeram correr com sua perna coxa em volta de uma saleta. Em cada canto estava um com uma borracha comprida. As marcas que ficaram nas suas costas desapareceram. Mas de dentro dele nunca desapareceu a dor daquela hora. Corria na saleta como um animal perseguido por outros mais fortes. A perna coxa se recusava a ajudá-lo. E a borracha zunia nas suas costas quando o cansaço fazia parar. A princípio, chorou muito, depois, não sabe como, as lágrimas secaram. Certa hora não resistiu mais, abateu-se no chão. Sangrava. Ainda hoje ouve como os soldados riam e como riu aquele homem de colete cinzento que fumava um charuto (AMADO, 2008, p. 38).

Logo somos direcionados à segunda etapa do esquema, a Sensibilização, onde se dá a manifestação da paixão propriamente dita. Já sabemos, por exemplo, que Sem-Pernas se encontra impossibilitado diante de seus desejos. Ele deseja ser amado (querer-ser) segundo a lógica dos valores afetivos, porém se encontra impossibilitado (não-poder-ser) devido à posição que ocupa na hierarquia social. Dá-se a Disposição, a do sujeito interdito, porque, embora concentrado na busca dos valores impossíveis, encontra-se distanciado da estratificação. Desenvolvem-se, como resultados, outros estatutos em relação aos percursos narrativos do sujeito, dos quais emergem a decepção, a frustração, a cólera e a morte voluntária, todas associadas às consequências das assimetrias conjunturais. Sem-Pernas, muito

embora não concretize o percurso do *Bildungsroman*⁴ (romance de formação realista), não deixa de marcar o desencanto e a desilusão decorrentes do choque modal entre o mundo visível (aparência) e o que se mostra ocultado (essência).

A Patemização aparece em seguida com o choque modal instalado. Nessa etapa, integra o descontentamento como produto da impossibilidade aparentada (não-poder-ser), que desloca o personagem para o campo da impaciência. O sujeito, localizado no extremo da impossibilidade, ora se mostra atualizado pelos desejos afetivos e parentais, ora se encontra submetido ao ímpeto furor de revolta justamente por não os conseguir.

À emoção localiza-se a correspondência da manifestação somática assumida como comportamento apaixonado. Está presente uma postura voltada para a truculência com alto impacto. Sem-Pernas encontra-se à deriva, sem nenhuma expectativa, para quem o ódio é o único sentimento cultivado. Podemos considerar que é a paixão que regula o fazer de seus percursos narrativos, que o leva à nulidade semiótica, à extinção. Por fim, concentra-se o juízo de valor coletivo acerca do comportamento visível na etapa da Moralização. Detectamos, para além de uma axiologia reguladora de valorização social sobre os programas narrativos, os rastros de sofrimento que se deixam transparecer graças aos marcadores de opressão. Cada vez mais, Sem-Pernas compensa o isolamento pessoal e a morte como resolução de angústias e sofrimentos. Para concluir, podemos nos valer dos percursos ora apresentados para refletir acerca da emergência do debate sobre a violência que escraviza, a morte voluntária como solução dos conflitos no modelo social ao qual se alienou e com o qual se identificou, mas com o qual não se pôde conjungir. Nessa perspectiva, diante da impossibilidade de suportar a vida,

⁴ O chamado 'romance de formação' surgiu na segunda metade do séc. XVIII. Nesse tipo de romance, narra-se o processo de transformações físicas, psicológicas e sociais no amadurecimento de um protagonista/personagem.



Sem-Pernas responde com a antecipação da morte seu desejo de revolta, criminalizando a si mesmo diante do desejo obscuro de matar.

4. Considerações finais

Os resultados provenientes deste trabalho nos permitem observar como o ódio de Sem-Pernas, enquanto categoria de análise, é uma paixão discursivizada por Jorge Amado na ótica do não-lugar, onde não ocorre o reconhecimento enquanto sujeito participante e constituinte de uma alteridade e coletividade. Daí a sensação de deslocamento constante, nessa tendência de dessubjetivação não só para o outro, mas também para si. Obstinado, o personagem deseja entrar em conjunção com os valores parentais, mas se encontra impossibilitado diante das desigualdades que estruturam a sociedade. Com efeito, adquire uma visão trágica da realidade, que se mostra impossível de suportar.

O sujeito é tomado pelo desejo de fazer mal a todos, sem distinção de qualquer espécie. Assume, então, o papel temático de pobre criança órfã e abandonada com o intuito de comover, adentrar aos espaços privados e, assim, localizar os bens valiosos. Por fim, permite o êxito dos furtos realizados pelos Capitães da Areia. Trata-se da consolidação de seu programa narrativo de revolta contra o destinador.

Como conclusão, deve-se observar que não se trata de um saber sobre a morte, mas de uma compreensão sobre as tramas que o conduz à morte prematura. O autoextermínio, nesse caso, é resultado de uma personalidade má

que o indivíduo acredita ter. Nessa esteira, mostra-se a importância do debate acerca da presença do outro na tentativa de reequilibrar o sentimento de falta decorrente da organização social.

Referências bibliográficas

AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1937].

DUARTE, Eduardo Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal: EDUFRN, 1996.

FIORIN, José Luiz. *Semiótica das paixões: o ressentimento*. Alfa: Revista de Linguística, São Paulo, v.51, n.1, p. 9-22, 2007.

FONTANILLE, Jacques. *Sémiotique des passions*. In: HÉNAULT, Anne. (Org.). *Questions de sémiotique*. Paris: PUF, 2002. p. 601-637.

FONTANILLE, Jacques. A conversão mítico-passional. In: LARA, Gláucia M. P.; MACHADO, I. L; EMEDIATO, Wander (Orgs.). *Análises do Discurso Hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 93-120, 2008.

FONTANILLE, Jacques. *Colère*. In: DITCHE, E. R.; FONTANILLE, J.; LOMBARDO, P. *Dictionnaire des passions littéraires*. França: Belin, 2005.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. (Trad. Dilson Ferreira da Cruz). São Paulo: EDUSP, 2014.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática, 1993.

LAFETÁ, João Luiz. *1930: A crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas cidades/Editora 34, 2000.



UCHOA, Pablo. *'Capitães da Areia'*: o dia em que o Estado Novo queimou um dos maiores clássicos da literatura brasileira. BBC Brasil, Londres, 25 nov. 2017. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41969983>>.

Recebido em 15/08/2023

Aceito em 16/10/2023